

## Castros da Bacia Hidrográfica do Rio Zêzere (Zona do Pinhal, Centro de Portugal)

Carlos António Moutoso Batata\*

Maria Filomena dos Santos Gaspar\*\*

Revista de Guimarães, Volume Especial, II, Guimarães, 1999, pp. 671-697

### RESUMO

Com a presente comunicação, pretendem os autores fazer o balanço da investigação castreja das margens do rio Zêzere através das escavações arqueológicas que aí têm desenvolvido, nas vertentes de implantação de povoados, estruturas defensivas, estruturas habitacionais, materiais arqueológicos, datações de radiocarbono e mineração.

### 1. INTRODUÇÃO

A investigação arqueológica do Vale do rio Zêzere, em época proto-histórica, remonta ao ano de 1995, onde foi consubstanciada através do Projecto de Investigação Arqueológica, denominado *A Idade do Ferro no Médio e Baixo Zêzere*, aprovado pelo IPPAR. A criação de tal projecto não nasceu do nada: havia já alguma investigação anterior, levada a cabo pelos arqueólogos associados, embora de forma incipiente.

Actualmente, extinto pela entrada em funcionamento do IPA, continua sob uma forma monográfica, por períodos de 4 anos. No entanto, o espírito do projecto inicial

---

\* Técnico Superior Avençado do IPA -Extensão do Crato.  
\*\* Câmara Municipal de Abrantes.

continua vivo e continuará a realizar-se no mesmo espaço físico e sobre o período arqueológico inicial, qualquer que seja a forma de que se revista. *Ad aeternum*.

Se a ideia básica e inicial era o estudo da Idade do Ferro (de que tínhamos um castro exemplar -S. Pedro do Castro) (BATATA e GASPARG, 1993), a realidade da investigação mostrou-nos, à data em que escrevemos este artigo, que o Bronze Final tem, afinal, maior expressão.

## 2. DESENVOLVIMENTO DO PROJECTO DE INVESTIGAÇÃO

A primeira vertente de investigação, partia da premissa de que era preciso conhecer o território de uma forma sistemática. Assim, o levantamento arqueológico dos concelhos integrados na área de estudo, foi uma das nossas prioridades, e dos 12 concelhos da área (Pampilhosa da Serra, Oleiros, Góis, Pedrógão Grande, Sertã, Figueiró-dos-Vinhos, Ferreira do Zêzere, Vila de Rei, Tomar, Vila Nova da Barquinha, Constância e Abrantes), foram efectuados os levantamentos arqueológicos de 5 (Pampilhosa da Serra, Sertã, Tomar, Ferreira do Zêzere e Vila de Rei), com publicação das monografias dos três primeiros (BATATA e GASPARG, 1994), (BATATA, 1997), (BATATA, 1998) e prontas para o prelo as monografias dos dois últimos. Como se conclui, não é um item acabado, continuando a desenvolver-se, por vezes de forma parcelar. Uma sùmula dos povoados localizados pode ver-se em BATATA, GASPARG e BATISTA, 1996.

A 2ª vertente a desenvolver, consequência lógica da primeira, foi o desenvolvimento de sondagens e escavações arqueológicas, que nos dessem a conhecer a cultura material e estratégias de povoamento e de defesa dos povoados localizados. Foram efectuadas escavações arqueológicas no Castro do Cerro do Castelo (Seada, Vila de Rei), nos anos de 1995 e 1996, no Castro de Sta. Maria Madalena (Cernache do Bonjardim, Sertã), em 1997, e no Castro de Na. Sra. da Confiança (Pedrógão Pequeno, Sertã) em 1998, e são o resultado destas escavações que são o âmago desta comunicação.

A 3ª vertente de investigação, decorrente da prospecção de campo, e que ganha folgo, prende-se com o estudo da mineração e da sua relação com os povoados.

A 4ª vertente prende-se com a manifestação artística dos povos em estudo, através do estudo das gravuras rupestres que têm ainda alguma expressão e diversidade na zona. De forma sumária e preliminar, foram dadas a conhecer algumas em BATATA, GASPAS e BATISTA, 1996, e BATATA, COIMBRA e GASPAS, 1998.

### **3. CASTROS ARQUEOLOGICAMENTE ESCAVADOS**

#### **3.1. Cerro do Castelo (1995/1996)**

O povoado está implantado num monte cónico que domina toda a região circundante, com encostas muito inclinadas que chegam a atingir os 30%, e faz parte de uma cadeia montanhosa xisto-grauvácica e quartzítica.

Durante a prospecção de campo que levou à sua identificação como povoado fortificado, localizámos a muralha que o rodeava, bem como encontramos variados fragmentos de cerâmica manual, algumas mós manuais planas e um fragmento de bracelete em bronze (BATATA e GASPAS, 1995).

O povoado, na sequência de grandes incêndios que deflagraram no concelho, há alguns anos atrás, sofreu algumas destruições com a abertura de estradas florestais. Foi então aberta uma estrada que atravessa o cabeço de sul a norte, com um ramal para oeste, a meia-encosta. A estrada destruiu na perpendicular um troço de muralha na parte sul do cabeço, limpou o cimo do monte até ao afloramento e na **parte oeste** destruiu uma extensão de cerca de 6 m de muralha, onde achámos muitos fragmentos de cerâmica e uma estratigrafia em bom estado.

##### **3.1.1. 1ª Campanha Arqueológica (1995)**

###### **3.1.1.1. Sector A**

Dos dois objectivos primordiais (localização da muralha e estruturas de habitação), apenas foi realizado o primeiro. As causas prenderam-se essencialmente com o facto de o povoado ter encostas muito inclinadas e a acção do tempo ter acumulado junto à muralha uma grande quantidade de pequenas pedras que dificultaram a percepção do que era muralha e eventuais estruturas habitacionais.

Apesar das dificuldades apresentadas, foi possível chegar a algumas conclusões interessantes. Assim, verificou-se que o estrato 5 dos quadrados A5 e A6 era constituído por uma camada pouco espessa de areão amarelado, compactado, e estéril

do ponto de vista arqueológico, resultante da desagregação do afloramento irregular xisto-grauváquico que lhe está subjacente, acompanhando a sua inclinação geral. Esta mesma camada aparece no estrato 5 do quadrado A8, fora da muralha.

O estrato 4 destes quadrados era composto por terra de cor cinzento-escuro, arenosa, que acompanhava o declive do terreno passando por baixo da muralha sem ter sofrido alterações. Parece ter algumas afinidades com o estrato 4 do quadrado A8, extra-muros. Esta camada é composta por algumas subcamadas ou variantes estruturantes, muito importantes do ponto de vista arqueológico: assim, a base da camada apresenta muitos fragmentos de cerâmica, que acompanham a inclinação geral do terreno, à mistura com pequenas pedras. Tratam-se de materiais de arrastamento provindos da encosta do monte. Estes materiais, representam cerca de 20% do total de fragmentos exumados. O topo da camada apresenta uma mancha mais escura de terra, com materiais cerâmicos e carvões.

Os estratos 3 dos quadrados referidos são compostos por terra cinzenta, com grande quantidade de pequenas pedras e cerâmica transportada por fenómenos naturais. Tanto a estratigrafia das paredes **este** como da **oeste**, mostram uma anomalia surgida sobre o estrato 4. Trata-se da implantação de uma muralha, numa fase adiantada da ocupação do povoado. Esta é constituída por pedras xisto-grauváquicas de tamanho médio, arrancadas do afloramento local e empilhadas sem grande cuidado, formando uma muralha com cerca de 1,80m de largura, cujas faces internas e externas são bastante irregulares. A ligação dos elementos constitutivos fez-se utilizando barro amarelado, que existe em grande quantidade no povoado. A muralha tem actualmente, no local da intervenção arqueológica, cerca de 30 cm de altura e assenta directamente sobre o estrato 4 (ESTAMPA I). Os materiais exumados constituem 35% do total de materiais recolhidos.

Os estratos 2 são constituídos por terras arenosas, de cor cinzento-claro, com pequenas pedras transportadas e uma pequena quantidade de cerâmicas (cerca de 3% do total). Como se pode observar na estratigrafia, este estrato cobre o 3, bem como a muralha. O mesmo acontece com o estrato 1, que se trata da camada vegetal, constituída por terra cinzento-escuro arenosa, com muita matéria orgânica e raízes.

### 3.1.1.2. O corte estratigráfico do lado oeste

Observado este local, constatámos existir uma extensa estratigrafia com muitos materiais arqueológicos. Depois de alisado o corte, verificámos que este apresentava uma estratigrafia em tudo semelhante à que havíamos desenhado e estudado no Sector A. Porém, a sua descoberta tardia (nos últimos dias da campanha), não nos permitiu fazer o seu desenho estratigráfico, mas somente obter algumas fotografias.

Uma das primeiras constatações, foi a existência de camadas de cinzas e carvões, tal como havíamos observado no estrato 4 dos quadrados A5, A6 e A8 do Sector A.

### 3.1.1.3. Materiais cerâmicos e líticos recolhidos

Estes materiais têm três proveniências distintas: os materiais recolhidos à superfície, os recolhidos no corte oeste e os materiais provenientes da escavação. A relação quantitativa entre estes diversos vectores estabelece-se assim (QUADRO A).

Os materiais recolhidos, pela sua tipologia, apontam-nos para uma ocupação do Bronze Final/Ferro Inicial. O fragmento de bracelete em bronze recolhido à superfície é disso sinal. Mas outros materiais como as cerâmicas brunidas e a decoração incisa no bordo também nos apontam nesse sentido. Os materiais, recolhidos à superfície ou provenientes da escavação, documentam-nos, *a priori*, algumas actividades dos seus habitantes. Assim, foram recolhidos dois pesos de rede ou de tear em anfíbolite, que documentam actividades piscatórias ou de tecelagem. Foram recolhidas 4 mós manuais planas (três incompletas) e um movente, que documentam actividades agrícolas. O aparecimento de um fragmento de cincho indica-nos a existência de actividades pastoris. O achado de um molde em anfíbolite no estrato 4 do quadrado A6, indica-nos que os habitantes do povoado se dedicavam à metalurgia. Os materiais por nós designados **alisadores**, são seixos oblongos de anfíbolite e gastos numa das partes laterais, o que indica a sua utilização como alisadores de cerâmica ou o seu uso em outras actividades domésticas (afiar peças de metal, alisar peles, etc.) (BATATA e GASPAR, 1995<sup>a</sup>).

### 3.1.2. 2ª Campanha Arqueológica (1996)

Foram escavados três sectores designados pelas letras C, D e E.

Os sectores A e B foram escavados em 1995, embora na 1ª Campanha só fosse referido o primeiro destes sectores. A razão de tal procedimento está no facto de o sector B (onde apenas foi aberto um quadrado de 1x2m) ter revelado uma enorme quantidade de pedras de média dimensão e, em face do pouco tempo disponível para a realização das sondagens, ter sido abandonado. Porém, face à descoberta de uma primeira muralha ou reduto quase no topo do cabeço durante esta campanha, acabou por assumir importância, dado que a sondagem foi efectuada perto desta estrutura.

O sector C, situado a meia encosta do monte, um pouco a oeste do Sector A, onde apenas foram abertos os quadrados de 1x1m, C18, C24 e C26, foi rapidamente abandonado em face da fraca potência estratigráfica e a ausência de materiais e estruturas.

O sector D, sem dúvida um dos sectores mais importantes de toda a escavação, situado sobre o **Corte Oeste**, tinha como objectivo efectuar uma escavação em área de modo a determinar a existência ou não de estruturas habitacionais ou outras.

O sector E, situado nas imediações do anterior, constituiu o outro grande objectivo deste ano: a obtenção de uma estratigrafia completa da muralha e das vários estratos que lhe estavam subjacentes, o que não tinha sido possível efectuar na escavação de 1995, como forma de esclarecer e datar mais claramente a época de construção da muralha. Para isso, foi aproveitado o facto de a muralha ter sido destruída nesta zona pela construção do caminho florestal.

#### **3.1.2.1. Leitura estratigráfica**

##### **3.1.2.1.1. Sector D**

Como o motivo principal era a localização de estruturas, optou-se aqui por uma escavação em extensão, que se traduziu materialmente em quadrados de 2x2m. A composição estratigráfica era a seguinte:

- Estrato 1 - camada de terra cinzento-escuro, solta e poeirenta, com muitas raízes, matéria orgânica e completa ausência de cerâmicas. Apenas o Q.D8 revelou o aparecimento de três seixos “polidores” fragmentados neste estrato;

- Estrato 2 - camada de terra cinzento-claro, com algumas raízes e um pouco mais compacta, ainda com algumas raízes e pequenas pedras de escorrimento e quase completa ausência de cerâmica;
- Estrato 3 - Terra de cor acinzentada, com grande quantidade de pequenas pedras de escorrimento e algumas maiores parecendo formar alinhamento elíptico que cobre todos os quadrados escavados. Porém, a dúvida sobre se se trata de uma estrutura habitacional mantém-se pois nenhum dos materiais foi encontrados *in situ*. O peso de rede apareceu no Q.D8, no interior da estrutura junto do murete; no Q.D9, dentro da estrutura, apareceu metade de uma mó de rebole de granito, mas encontrava-se de lado, dando ideia de que estava deslocada; no Q.D6, ainda dentro da estrutura, apareceram fragmentos de uma taça geminada e fragmentos de um pote carenado com mamilos a toda a volta da carena. Apesar da cerâmica mais característica e variada que nos outros sectores, permanecem as dúvidas devido às suas posições excêntricas no solo.

Associada a estas cerâmicas existe uma camada de cinzas e carvões de escorrência, que nalguns casos passa por baixo de algumas pedras desta “estrutura”, o que faz aumentar as nossas dúvidas. Sobre ela, no corte, recolhemos o ano passado, uma mó de granito muito gasta, virada ao contrário, assentando a sua parte lisa sobre as cinzas.

A cerâmica reparte-se pelas seguintes categorias, percentagens e quadrados, e constituem 48% do total de materiais recolhidos (QUADRO B).

Abaixo do estrato 3, existe o 4 com algumas cerâmicas envolvidas por terra amarelada de desagregação do afloramento, que não chegou a ser escavado por falta de tempo.

#### **3.1.2.1.2. Sector E**

A composição dos estratos é em tudo semelhante às anteriormente descritas. O corte efectuado na muralha permitiu-nos precisar um pouco melhor o assentamento da muralha e a sua relação com as camadas com ocupação arqueológica. O estrato 1 cobre e “escorre” sobre a muralha, tal como acontece com o estrato 2.

Encontrámos aqui alguma cerâmica de escorrência, muito fragmentada e rolada, tal como acontecia no estrato 2 do Sector A.

A muralha foi claramente assente sobre o estrato 3, o que no ano passado não estava cabalmente demonstrado. Este estrato, por sua vez, tal como os do sector anterior, apresenta grande quantidade de cerâmicas inseríveis no Bronze Final, o que remete a construção da muralha para a Idade do Ferro ou uma fase adiantada do Bronze Final.

As cerâmicas constituem 46% das cerâmicas recolhidas (QUADRO C).

O corte estratigráfico realizado confirmou-nos também, com evidência, que todos os materiais são de escorrência. Com efeito, a base do estrato 3 apresenta duas bolsas carregadas de cerâmicas do Bronze Final e cinzas, tal como acontecia nos outros sectores. A primeira bolsa formou-se devido à existência de uma cova no afloramento que reteve grande quantidade de cerâmicas que não puderam prosseguir encosta abaixo; a segunda, formou-se devido à existência de pedras que originaram uma bolsa de materiais e cinzas. Esta bolsa situa-se cerca de 40 cm abaixo da muralha, selada por uma camada de pequenas pedras de escorrência e que separa o estrato 2 do 3 (ESTAMPA II).

### 3.1.2.2. Materiais cerâmicos e líticos recolhidos

Como já foi referido, a confirmação de que se tratavam de materiais pertencentes ao Bronze Final, vem este ano reforçada pelo aparecimento de um pote carenado e com mamilos a toda a volta, fragmentos de uma taça geminada semelhante às aparecidas nos povoados do Bronze Final escavados por Raquel Vilaça na Beira Baixa, contígua à zona em estudo, e um fragmento de bordo e colo carenado com apêndice bicónico com dois furos, também frequentes nos povoados escavados pela referida arqueóloga (VILAÇA, 1995).

Quanto aos materiais líticos, embora neste ano não tenham aparecido lascas de sílex, apareceram alguns seixos que apresentam uma face muito polida, daí serem por nós designados como seixos alisadores ou polidores. Outra novidade foi o aparecimento de um movente de mó fragmentado em quartzito (o ano passado



aparecera um em granito) e uma metade de mó de reboło em granito, semelhante às muitas ali aparecidas.

### 3.1.2.3. Sistematização

Em resumo, as escavações arqueológicas efectuadas no Cerro do Castelo corporizaram a existência de um povoado da Idade do Bronze Final/Ferro Inicial (DESENHO I) que, numa primeira fase, teria sido um povoado aberto sem estruturas defensivas. Ter-se-ia situado, preferencialmente, no topo do outeiro, o que teria provocado, quer por simples abandono ou por destruição por fogo intencional ou natural, demonstrado pela enorme quantidade de bolsas de cinzas e carvões, a escorrência de materiais, cinzas e carvões pelas encostas abaixo, onde ficaram retidas em bolsas formadas na maior parte por covas existente no irregular afloramento rochoso. As datações de radiocarbono efectuadas no Instituto de Química Física “Rocasolano” (Madrid) e Instituto Tecnológico e Nuclear (Sacavém), datam esta camada do intervalo (2 sigma) entre 1310 e 821 cal BC (QUADRO F).

Mais tarde (durante o Ferro Inicial ou 2ª fase do Bronze Final) terão sido construídas uma muralha rodeando o outeiro a meia-encosta e uma muralha formando um reduto quase no topo. Da muralha escavada nestes dois anos restam pouco mais do que 30cm de altura, o que quer dizer que todas as camadas arqueológicas deste período foram sendo arrastadas encosta abaixo à medida que a muralha de pedra solta se ia desmoronando e rolando pelas encostas.

As análises de C14 permitem-nos datar a muralha do período pós séc. IX, pois ambas as datações são da camada que se situa por baixo da muralha. Não diferem muito dos resultados obtidos na Beira Interior (VILAÇA, 1995, 236).

### 3.2. Santa Maria Madalena (1997)

O castro de Sta. Maria Madalena foi por nós localizado (BATATA, GASPAR e ARSÉNIO, 1995b) em finais de 1994, tendo recolhido no local vários fragmentos de cerâmica torneada e manual, bem como tijoleiras *in situ* e detectado estruturas, que nos apontavam para uma possível ocupação das Idades do Bronze e do Ferro.

Devido à implantação no local de uma antena e posto de retransmissão da Rádio Condestável de Cernache do Bonjardim, e na sequência das obras para esse fim,

em Agosto de 1996, apareceu uma espessa camada de *imbrices* e algumas cerâmicas do Bronze Final, que era urgente estudar para verificar a sua real importância.

### 3.2.1. Sectores escavados

As escavações arqueológicas realizaram-se em duas áreas próximas, mas em cotas altimétricas diferentes, situadas na encosta **norte**. Ambas se situam dentro do perímetro de segurança do retransmissor que irá ser vedado por uma cerca de arame.

A 1ª área, designada por **SECTOR A**, situava-se junto da antena, tendo as fundações da mesma posto a descoberto, e destruído parcialmente, uma espessa camada de *imbrices*.

A 2ª área, designada por **SECTOR B**, situa-se 3 metros abaixo da anterior, junto da estrada de terra batida que circunda o monte pelo lado **norte**, onde era visível, no talude lateral, e a cerca de 50cm de profundidade, um muro rectilíneo que não foi destruído pela construção da estrada.

### 3.2.2. Leitura estratigráfica

A composição estratigráfica dos dois sectores só apresenta semelhanças para os estratos 1 e 2, sendo nos restantes de composição diferente. Dentro de cada sector revelaram-se homogéneos de quadrado para quadrado, excepção feita no Sector B, quadrados 4 e 5, onde apareceu uma toca e uma inversão estratigráfica pouco relevante, tendo o estrato 5 (estéril) se sobreposto ao 4, numa pequena extensão.

#### 3.2.2.1. Sector A

A composição estratigráfica dos quadrados era semelhante e apresentava-se com as seguintes características:

- **estrato 1** - era constituído por uma fina película (1 a 2cm) de terra castanho-negro (húmus), logo seguida de uma subcamada de terra barrenta amarelada, que não se distribuía de forma uniforme na camada;
- **estrato 2** - terra castanho-escuro, com pequenas pedras e pedras de tamanho médio, provenientes do derrube de possíveis muros;
- **estrato 3** - o topo da camada era preenchido por uma espessa camada de *imbrices*, de várias espessuras e larguras, e por baixo, por terra castanho-avermelhada fina e isenta de pedras, que nalguns pontos assentava sobre o afloramento rochoso;

– **estrato 4** - camada de terra barrenta amarelo-claro que constituía a desagregação do afloramento. Continha raros fragmentos de cerâmica manual e bastantes carvões, entre os quais algumas bolotas calcinadas.

#### 3.2.2.2. Sector B

Foram reconhecidas 5 camadas em todos os quadrados, bastante homogéneas com as seguintes características:

- **estrato 1** - terra barrenta amarelo-claro e, por cima, uma fina camada de terra escura (húmus), semelhante à camada correspondente no Sector A;
- **estrato 2** - terra castanho-escuro, com pedras de pequena e média dimensão e alguns fragmentos de telhas curvas, de escorrência, e nitidamente do telhado da cabana ou telheiro, escavado no Sector A, em estrato com as mesmas características;
- **estrato 3** - composto por terra castanho-claro e muitas pedras de média dimensão, deu grande quantidade de cerâmica torneada (torno lento?), muito friável e fragmentada. É cerâmica de escorrência, acompanhando o declive do terreno;
- **estrato 4** - terra castanho-escuro, com pequenas pedras e muita cerâmica, na maior parte do Bronze Final, que encostava ao muro de sentido **este-oeste** que abrangia os Qs. 4, 5, 6 e 8 (fot. 6). Este, de forma elíptica, tem o seu *terminus* a **oeste**, no Q.6, onde faz união com o afloramento mais elevado e a **este** prolonga-se na direcção **sudeste** que não foi ainda escavada. Tem actualmente o comprimento de cerca de 4m;
- **estrato 5** - terra avermelhada e amarelada, proveniente da alteração do afloramento e onde assentava o muro referido. Apareceu alguma cerâmica com as mesmas características da encontrada no estrato 4.

#### 3.2.3. Prospecção de campo

Durante a campanha arqueológica, foram efectuadas algumas prospecções na área envolvente, tendo-se chegado aos seguintes resultados:

- detecção de uma muralha de protecção e defesa, a meio do monte, cujos vestígios ainda se podem observar tanto do lado **sul** como do lado **norte**, bem como a plataforma que aí se formou;

- a construção das estradas de terra batida que circundam o monte, há muitos anos atrás, destruíram no lado **norte**, para além da estrutura que escavámos parcialmente, mais duas outras, cujos muros são visíveis no talude;
- no lado **sul**, nos taludes onde em 1995 recolhemos cerâmica da 2ª Idade do Ferro e uma tijoleira *in situ*, reconhecemos a existência de três casas, duas delas com um corredor ou pequena rua, a meio.

#### 3.2.4. Sistematização

O Sector A apresenta-nos uma área de cerca de 8m<sup>2</sup> coberta por *imbrices* de várias espessuras e larguras. Infelizmente, não foi possível determinar o comprimento dos mesmos. Não apareceu qualquer tipo de pavimento ou indícios claros da existência de muros ou de construção em adobe ou terra. Poderia tratar-se de um telheiro, mas neste caso também não apareceram buracos de poste.

É certo que encontrámos apenas os limites do lado **sul** e **este**. Do lado **oeste**, destruído pelas fundações para implantar a antena, apenas se nota o arranque de um possível muro. O lado **norte**, como mostra a estratigrafia, resvalou na sua totalidade, ao longo dos séculos, pela encosta abaixo, como o demonstram as telhas achadas no estrato 2 dos quadrados do Sector B.

Por baixo das telhas não apareceram materiais que possam datar o conjunto. As cerâmicas do estrato 4 parecem ser do Bronze Final e os carvões achados permitirão datá-las através do C.14. A tipologia destas parece ser tardo-romana. O aparecimento de um só fragmento de cerâmica amorfo entre elas, nada nos diz a este respeito.

O Sector B apresenta uma situação mais nítida. O estrato 2 contém algumas telhas resvaladas da estrutura anterior. O estrato 3 apresenta cerâmicas de torno lento, mas ainda sem contexto, ou seja, cerâmicas que resvalaram de estruturas situadas mais acima.

No estrato 4 apareceram cerâmicas típicas da Idade do Bronze Final, associadas a uma estrutura elíptica. A área escavada não permite saber se estamos a escavar o interior ou o exterior da estrutura. Tal, só será possível de determinar com a

continuação da sua escavação. Não apareceu qualquer pavimento ou lareira (ESTAMPA III).

No conjunto, configura-se-nos um povoado cercado com, pelo menos, uma muralha, sobre o qual não temos qualquer tipo de datação. Pelos materiais ali achados, foi ocupado desde o Bronze Final/1ª Idade do Ferro, passando pela 2ª Idade do Ferro (cerâmica torneada) (DESENHO II) e possivelmente por Romanos, ou com influência destes (tijoleiras, *imbrices*). O aparecimento de moedas e adornos em ouro, no início do século, nas fundações da actual capela de Sta. Maria Madalena, poderá estar relacionado com o Bronze Final e 1ª Idade do Ferro (adornos) e com a 2ª Idade do Ferro e Romanos (moedas).

Quer os materiais avulsos quer os recolhidos nas escavações, apontam-nos já para áreas diferenciadas de ocupação, que têm também a ver com a própria topografia do lugar. Com efeito, a área possível para edificação é enorme, embora os afloramentos rochosos sejam em grande quantidade. Pelo que pudemos observar, as casas detectadas aproveitam os afloramentos como paredes. Estas, por sua vez, parecem encontrar-se bastante dispersas pelo monte.

Até ao momento, foi possível detectar várias manchas de ocupação. Do Bronze Final, encontram-se estruturas e cerâmicas no Sector B, na encosta **norte**. Na encosta **sul**, os materiais parecem ser já da 2ª Idade do Ferro, embora existam alguns do Bronze Final. De época romana parecem ser os do Sector A.

### 3.2.5. Materiais recolhidos (QUADRO D)

A análise superficial e macroscópica das pastas cerâmicas demonstraram a existência de dois grupos de cerâmicas distintas. Por um lado, temos cerâmicas alaranjadas muito friáveis, com muitas areias, representando cerca de 50% dos fragmentos recolhidos (Quadro D) e pertencentes quase todos à mesma peça, que seria um grande pote torneado a torno lento, de que recolhemos vários fragmentos do bordo (cerca de 40%), vários fragmentos da pança e 1 fragmento do fundo. Apareceram todos no estrato 3 dos Qs. 8, 4, 5 e 6 do Sector B.

O outro grande grupo de cerâmicas, de tons cinzentos e castanhos, representa cerca de 38% do total de cerâmicas recolhidas. Aparecidas no estrato 3 dos

quadrados referidos, mas na sua maior parte no estrato 4, têm uma maior variedade de formas (bordos, essencialmente) e são cerâmicas características do Bronze Final. As suas pastas apresentam poucas areias e são muito variadas.

As cerâmicas decoradas representam 2% do total. Dois bordos com decoração feita por pressão, 2 com linhas “penteadas” na pança e uma com um sulco transversal.

Quanto aos materiais líticos, no total de 10 peças, são quase todas duvidosas, com excepção de dois fragmentos de alisadores em anfibolito. Apesar do monte onde assenta o castro ser um enorme afloramento quartzítico, as peças recolhidas feitas neste material apresentam sérias dúvidas.

### 3.3. Nossa Senhora da Confiança (1998)

Situa-se a estação arqueológica no cimo de um estratégico monte onde se encontra a igreja do mesmo nome, sobre o rio Zêzere.

Em 1995, encontrámos do lado Sul do monte, grande quantidade de fragmentos de cerâmica manual (alguma com decoração) que nos indicava a ocupação do local por populações indígenas do Bronze Final e possivelmente do Calcolítico (BATATA, 1998).

A partir daí, efectuada uma observação mais minuciosa e rigorosa, conseguimos encontrar os vestígios de uma muralha. Na realidade, esta é muito difícil de detectar devido à grande quantidade de entulhos que ali existem, bem como devido às inúmeras pequenas obras que ali se têm realizado, como sejam as infra-estruturas de apoio às festividades religiosas. Do lado este, incorporada na muralha que parece ser indubitavelmente castreja, encontrámos o que pensamos ser um fragmento de almofariz de época indígena.

Em 1997, a implantação de uma antena retransmissora revelou novos fragmentos de cerâmica manual. Recolhas superficiais do autor e de outros investigadores, deram a conhecer a existência de 1 frag. de punhal de rebites, 1 frag. de machado de anfibolite e uma mó plana fragmentada.

#### 3.3.1. Objectivos

Para a 1ª Campanha de Escavações, dois objectivos haviam sido previamente estabelecidos:

- 1 - Escavação, interpretação e desenho de um sector da estrutura defensiva;
- 2 - Escavação, interpretação e desenho de estruturas habitacionais no interior do povoado.

Dos dois objectivos estabelecidos apenas se pode concretizar o 1º, pois as características da muralha fizeram com que a campanha arqueológica fosse totalmente absorvida pela escavação, desenho e interpretação da estrutura defensiva. Os próximos três anos (Projecto de Investigação inserido no PNTA 1998), vão permitir desenvolver os outros aspectos de estudo da estação.

### 3.3.2. Áreas escavadas

As escavações arqueológicas realizaram-se em duas áreas próximas e ambas sobre a estrutura defensiva.

A 1ª área, designada à *posteriori* SECTOR A, situava-se junto do murete delimitatório do adro das festas, no ponto mais alto da muralha, à cota 450,76 m, onde se verificava o afloramento de grandes blocos de granito.

A 2ª área, designada por SECTOR B, foi aberta junto à estrada alcatroada que dá acesso ao monte, em virtude da impossibilidade de obter a largura da muralha na área anterior, onde os blocos da muralha estavam visíveis e a muralha parecia ter cerca de 2m de largura.

### 3.3.3. Análise estratigráfica

Na maior parte dos casos apenas foi escavado o estrato 1 dos quadrados, pelas razões apontadas no ponto anterior. Em alguns casos (espaços extra-muralha ou onde esta se encontrava mais profunda), escavou-se o estrato 2.

Em termos de composição, o estrato 1 era composto por terra negra, muito solta, resultante da desagregação dos granitos e da camada vegetal. Por cima deste estrato havia por vezes uma fina camada de terra barrenta amarelada, proveniente de trabalhos de regularização do piso, por altura das Festas de Nossa Senhora da Confiança. Camada completamente estéril foi designada nos cortes estratigráficos com estrato 1A.

Apenas no SECTOR B existiam quadrados onde era possível fazer uma diferenciação de estratos. Não pela cor da terra, mas sim pela textura. Com efeito, o estrato 2 dos quadrados B10 e B8, apresentava uma maior quantidade de pequenas pedras de granito. Em termos de materiais achados, nota-se que este segundo estrato apresenta mais cerâmicas características do Bronze Final.

#### **3.3.4. Análise sumária dos materiais (DESENHO III)**

O estrato 1 dos vários quadrados escavados apresentaram uma variedade enorme de materiais recentes e antigos, que incluíam moedas recentes, telhas curvas finas provenientes das obras em construções que ali existem, vidros de garrafas de refrigerantes e de cervejas, caricas, bilhas de água em cerâmica alaranjada e muitos fragmentos de cerâmica manual do Bronze Final. À medida que se iam aprofundando os quadrados iam desaparecendo os materiais recentes, dando lugar a materiais exclusivamente antigos.

Os estratos 2, revelaram já cerâmicas típicas do Bronze Final. Estas, que se encontravam por cima e no meio das pedras, são cerâmicas de escorrência de zonas mais elevadas do povoado e que ficaram retidas na muralha (QUADRO E).

#### **3.3.5. Análise estrutural da muralha**

A escavação do Sector A, durante três semanas, tornou-se inconclusiva, não permitindo delimitar a muralha, pelo seu carácter demasiadamente irregular, e por, em qualquer dos quadrados escavados, aparecerem grandes blocos. No total, a largura da muralha ultrapassava largamente os 2m previstos.

Por essa razão foi aberto um novo sector (SECTOR B), um pouco mais a Sul, junto da estrada alcatroada que dá acesso ao recinto, onde a floravam grandes blocos, mais ou menos delimitados, e onde a muralha parecia ter cerca de 2,5m de largura. Tendo em conta esse factor e a escassez de tempo, foram abertos os quadrados B1 a B6, numa área de 6x4m, que permitiram delimitar a muralha pelo lado Este, que parece assentar sobre o afloramento granítico. A escavação determinou que a muralha tinha mais de 2,5m de largura, tendo havido necessidade de abrir mais 2 quadrados do lado Oeste, tendo sido integralmente escavados os Q.7 e 8, conseguindo-



se delimitar a muralha no Q.8. Porém, o aparecimento de grandes blocos no Q.7, determinou a abertura de 2 novos quadrados (Q.9 e 10).

Os quadrados B7 e B8 revelaram um alinhamento irregular de blocos de granito, mostrando ter a muralha cerca de 5m de largura, com alguns blocos fora desse alinhamento, que só as escavações do próximo ano poderão elucidar (ESTAMPA IV).

A largura da muralha permitiu relacionar os dois sectores e trazer algum sentido à enorme amalgama de blocos do SECTOR A. Com efeito, as medições posteriores aí efectuadas, revelaram que todos os quadrados foram abertos sobre a muralha composta por blocos dispostos caoticamente, apenas se tendo delimitado a muralha do lado Este.

#### 3.3.6. Problematização

A conclusão definitiva sobre a largura da muralha, só poderá ser obtida com as escavações do próximo ano, através do alargamento da área do SECTOR B, para norte e para Oeste, para reconfirmar a largura desta e as suas características tipológicas, que parece apontar para a construção de uma muralha de grande espessura e blocos “afiados”, voltados para o exterior da muralha.

Outra questão levantada pela escavação do SECTOR B, prende-se com o estrato 2 do Q8. Com efeito, esta camada de 20cm de espessura e que assenta directamente sobre o afloramento granítico, contendo pequenas pedras de granito e cerâmicas típicas do Bronze Final, parece passar sob a muralha, o que a remeteria a sua construção para uma segunda fase de ocupação do povoado que seria inicialmente um povoado aberto. Esta, porém, não seria da Idade do Ferro, pois não se encontraram aqui quaisquer materiais deste período. Quanto muito poderia ser da 1ª Idade do Ferro.

Tal situação aconteceu no castro do Cerro do Castelo, onde são por demais evidentes a existência de materiais típicos do Bronze final por baixo da muralha do castro, que teria sido construída numa segunda fase (Bronze Final ou 1ª Idade do Ferro).

Espera-se poder recolher carvões suficientes para fazer a datação do povoado do Bronze Final.

## 4. MINERAÇÃO

No território de exploração dos dois primeiros povoados referidos existem conheiras (exploração de metais aluvionares); no terceiro, minas de filão. Parece existir uma relação forte entre a fortificação dos povoados e a exploração de metais. Tal não parece acontecer nos povoados a sul (bacia hidrográfica do rio Tejo), ou mesmo na Beira Interior, onde as fortificações são quase inexistentes. Por outro lado, quase todos os castros da bacia hidrográfica do Zêzere são muralhados.

Importantes indícios parecem existir no castro do Cerro do Castelo. Em 1995 escavámos um troço da muralha que o defendia a meia encosta e em 1996 viríamos a reconhecer uma outra muralha no topo do monte, funcionando com reduto; o segundo indício relevante prende-se com a escavação propriamente dita: durante as escavações foram reconhecidas camadas de cinzas e carvões em diversos pontos do povoado, que apontam ou para uma destruição violenta do povoado ou um incêndio devastador.

A exploração da conheira que fica na base do castro prende-se com a apetência cada vez maior destes povos por metais (cobre, estanho e ouro), que trocavam por produtos de outros povos (quer da Europa Central quer do Médio Oriente). Com efeito, encontrámos aqui peças de cerâmica (taças geminadas) que têm afinidades com taças do mesmo tipo aparecidas no mar Egeu. O metal explorado na conheira seria o ouro.

Compreende-se assim que os habitantes do Cerro do Castelo tivessem necessidade de se defenderem de bandos ou tribos portadoras da mesma cultura do que eles, mas mais ambiciosos. O aparecimento das cinzas no povoado poderá ter marcado um assalto trágico ao povoado, resultando na sua destruição e posterior reconstrução e fortificação.

O castro de Sta. Maria Madalena pode ter explorado as conheiras de Várzea do Pedro Mouro, Sambado e Almegue.

O castro de Na. Sra. da Confiança, que poderá ter sido inicialmente um povoado aberto, com posterior fortificação, poderá ter explorado um filão de ouro que atravessa o Zêzere, na base do monte onde se situa e que foi posto à vista pela

construção da Barragem do Cabril (anos 50). Poderia também ter explorado ouro aluvionar.

Outros povoados das redondezas poderão ter explorado metais aluvionares. O castro de S. Pedro do Castro (concelho de Ferreira do Zêzere) tem ocupações do Bronze Final, Idade do Ferro e Época Romana, com várias muralhas.

Este povoado certamente explorava também conheiras. Apesar de não se terem encontrado materiais cerâmicos ou metálicos nas mesmas, é muito provável que tenham explorado as conheiras das ribeiras de Codes e Codegoso. Exploraram, de certeza, minas de estanho junto do Alcamim e da Lapa (concelho de Vila de Rei), como a elas aludem a lenda de S. Pedro do Castro e o próprio nome de Pombeira, cuja origem está no latim *plomb*.

O povoado calcolítico (SILVA e BATISTA, 1992) (e talvez do Bronze Final) do Maxial (concelho de Abrantes), situado na foz da ribeira de Codes (margem esquerda) poderá também ter explorado algumas das conheiras que lhe ficam próximas.

O mesmo poderá ter acontecido com o povoado muralhado de Amêndoa (concelho de Mação). A sua proximidade com algumas conheiras da parte inicial da ribeira de Codes, poderá ser disso sinal.

Finalmente, o castro da Matagosa (concelhos de Abrantes e Mação), onde encontrámos raros vestígios materiais, poderá ter funcionado como atalaia de vigia aos trabalhos mineiros, dada a sua excelente situação geográfica.

São raros os materiais achados em conheiras, mas existem alguns ecos de achados de peças cerâmicas e metálicas que desapareceram sem deixar rasto.

Se apontamos para a probabilidade de elas terem sido exploradas desde o Calcólítico até à Época Romana, é porque nos baseamos em provas mais ou menos directas. Assim, nas conheiras do Caratão (concelho de Mação) foram achadas escória de cobre e um lingote de chumbo (PEREIRA, 1970) e na da Matagosa foram encontradas tégulas (SILVA e BATISTA, 1992).

## **5. CONCLUSÕES PRELIMINARES**

Ainda faltam alguns anos de investigação para que se possa ter uma ideia clara sobre a evolução destes povoados. No entanto, eles levantam já questões

importantes como seja a relação povoado aberto/fortificado, a cronologia deles, a exploração do seu território (mineração e metalurgia), as tipologias das cerâmicas, a continuidade ou a descontinuidade de ocupação (por outros povos e culturas), as suas actividades ergonómicas.

De qualquer das formas, era importante dar a conhecer uma região, completamente desconhecida da Arqueologia Portuguesa até 1994, e as potencialidades que apresenta para a investigação do Bronze Final e Idade do Ferro, apesar de não apresentar aqueles materiais espectaculares com que os arqueólogos tanto se deliciam.



**casadesarmento**

centro de estudos do património

**QUADRO A - Materiais do Cerro do Castelo (SECTOR A, 1995)**

CARACTERÍSTICA	SUPERFÍCIE		CORTE		OESTE		ESCAVAÇÃO		SUBTOTAIS		
	nº frags	%	avulso	%	estratig	%	nº frags	%	nº frags	%	
C	Amorfos	25	5	15	3	22	4,4	307	60,5	369	72,4
E	Bordos	1	0,2	3	0,6	3	0,6	16	3,2	23	4,6
R	Bojos	2	0,4	13	2,6	6	1,2	28	5,6	49	9,8
Â	Fundos	1	0,2	1	0,2	2	0,4	3	0,6	7	1,4
M	Asas							2	0,4	2	0,4
I	Fund,bord, boj							11	2,2	11	2,2
C	Bordo e colo	1	0,2			1	0,2	1	0,2	3	0,6
A	Bordo decorado	2	0,4	1	0,2			1	0,2	4	0,8
	Colo			1	0,2					1	0,2
M	Lascas	1	0,2			3	0,6	12	2,4	16	3,2
S	Furadores							2	0,4	2	0,4
	Decorados							1	0,2	1	0,2
L	Percutores							4	0,8	4	0,8
Í	Moldes							1	0,2	1	0,2
T	Pesos de rede	2	0,4							2	0,4
I	Mós planas	3	0,6			1	0,2			4	0,8
C	Machados	1	0,2					1	0,2	2	0,4
O	Alisadores					1	0,2	1	0,2	2	0,4
S	Moventes					1	0,2			1	0,2
br	Bracelete	1	0,2							1	0,2
	<b>SUBTOTAIS</b>	<b>40</b>	<b>8</b>	<b>34</b>	<b>6,8</b>	<b>40</b>	<b>8</b>	<b>391</b>	<b>76,8</b>	<b>505</b>	<b>100</b>



QUADRO B - Materiais do Cerro do Castelo (Sector D, 1996)

TIPOS (estrato 3)	QD6	%	QD8	%	QD9	%	SUBT.	%
Amorfos	107	44	30	12	33	14	170	70
Bordos	8	3.5	-	-	-	-	8	3.5
Bordo decorado	5	2	-	-	-	-	5	2
Bojos	23	9	4	2	6	2.5	33	13.5
Colos	2	1	-	-	-	-	2	1
Fundos	10	4	-	-	-	-	10	4
Bordo e pança decorados	2	1	-	-	-	-	2	1
Material lítico (seixos)	4	2	-	-	-	-	4	2
Pesos de rede	-	-	1	0.5	-	-	1	0.5
Taça gémea	1	0.5	-	-	-	-	1	0.5
Carena com mamilos	2	1	-	-	1	0.5	3	1.5
Mó	-	-	-	-	1	0.5	1	0.5
<b>SUBTOTALS</b>	<b>164</b>	<b>68</b>	<b>35</b>	<b>14.5</b>		<b>17.5</b>	<b>240</b>	<b>100</b>

QUADRO C - Materiais do Cerro do Castelo (SECTOR E, 1996)

Amorfos	116	50%
Bordos	18	7.5%
Bordos decorados	2	1%
Bojo com mamilo	1	0.5%
Bojos	69	30%
Colos	3	1.5%
Fundos	4	2%
Seixos	3	1.5%
Carenas	1	0.5%
Movente de mó	1	0.5%
Asas	2	1%
Bordo e pança	10	4%
<b>TOTAIS</b>	<b>230</b>	<b>100%</b>



QUADRO D - Materiais de Sta. Maria Madalena (1997)

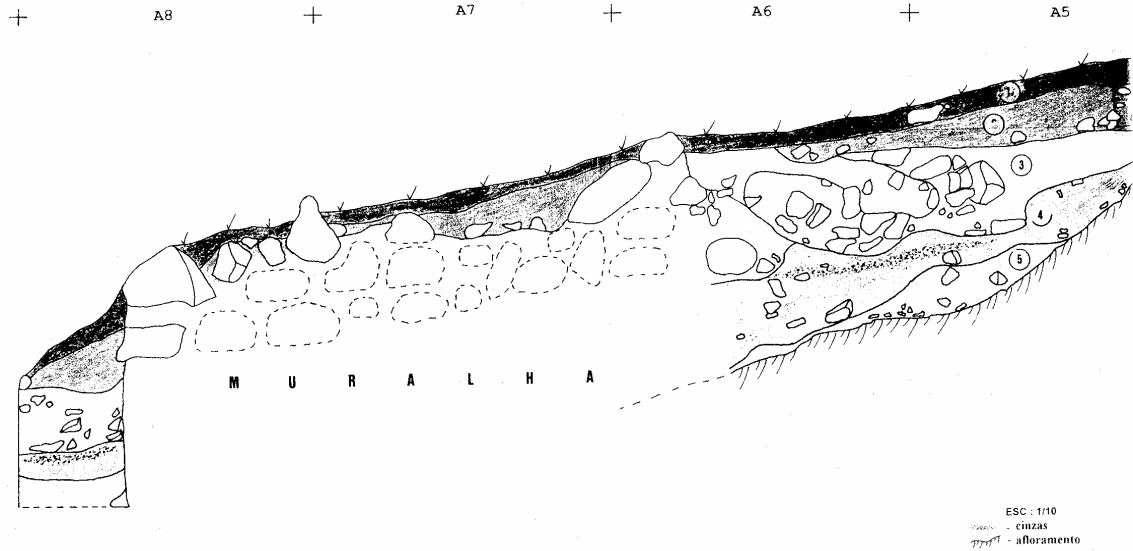
	AMORFOS	BORDOS	FUNDOS	PANÇA	SUBTOTAIS	%
Decorados	-----	2	-----	4	<b>6</b>	2
Cerâm. cinz. e acastanhada	129	4	4	12	<b>149</b>	38.5
Avermelhada micas e felds	18	2	1	8	<b>29</b>	9
Alaranjada	192	6	2	1	<b>201</b>	50.5
SUBTOTAIS	<b>339</b>	<b>14</b>	<b>7</b>	<b>25</b>	<b>385</b>	<b>100</b>
%	85.5	5	2.5	7	<b>100</b>	<b>385</b>

QUADRO E - Materiais de Nossa Sra. da Confiança (1998)  
Apenas cerâmicas feitas à mão

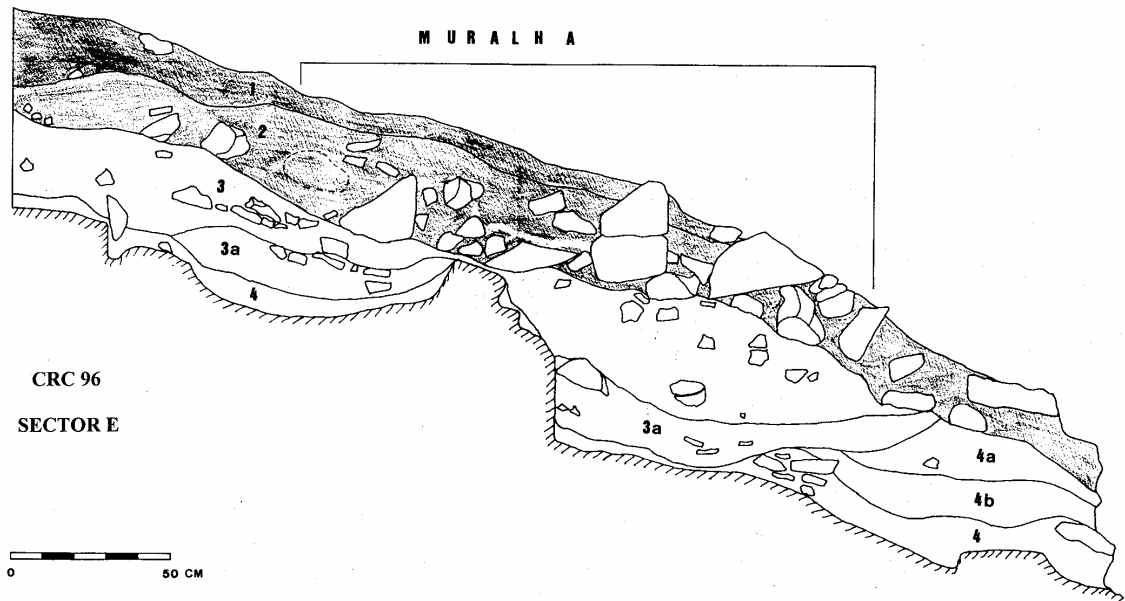
	AMORFOS	BORDOS	FUNDOS	PANÇA	COLO	SUBTOTAIS	%
decorados		1				1	0,83
Cerâm. castanho claro	19	4		6		29	24,2
Cerâm. castanho escuro	44	9	4	20	2	79	65,81
Cerâm. castanho avermelhado	2	2	1	2		7	5,83
Cerâm. beje				1		1	0,83
Cerâm. alaranjada	2			1		3	2,5
SUBTOTAIS	67	16	5	30	2	<b>120</b>	
%	55,84	13,34	4,16	25	1,66		<b>100</b>
						<b>TOTAL</b>	<b>120</b>

QUADRO F - Datações de C14

Identificação	Proveniência	Laboratório	Datação BP	Conversão a.C.	Cal a.C.		Tipo
					1 sigma	2 sigma	
CRC 96	D6(2)N3II	CSIC-1222	2761±40	811±40	-----	990-821	Carvão vegetal
CRC 96	D6(2)N3III	Sac-1511	2930±60	980±60	1254-1242 1214-1009	1310-926	Madeira carboniz



Estampa I – Muralha do povoado, assentando sobre a camada do Bronze Final



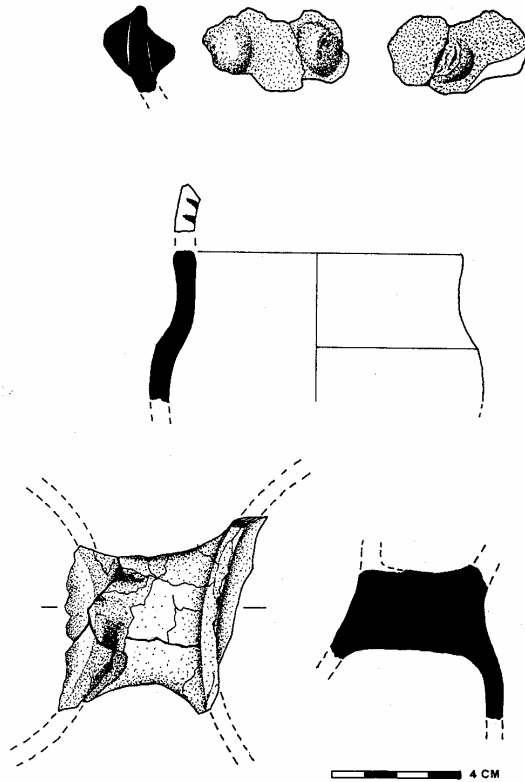
Estampa II – Corte da muralha no Sector Oeste



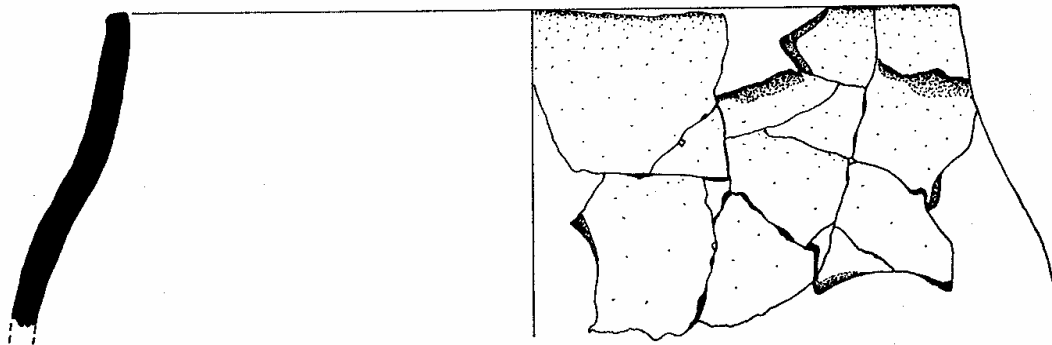


**casadesarmento**

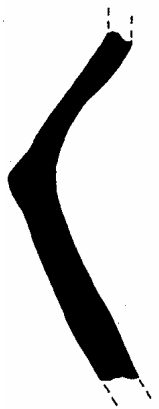
centro de estudos do património



Desenho 1 – Materiais do Bronze Final, datados entre 1250 e 820 a. C.



4 CM

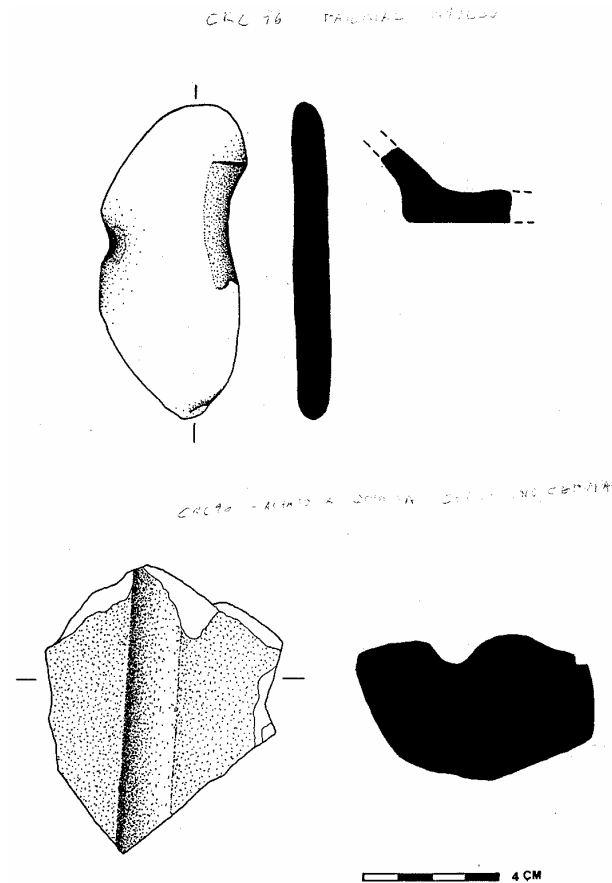


4 CM



**casadesarmento**

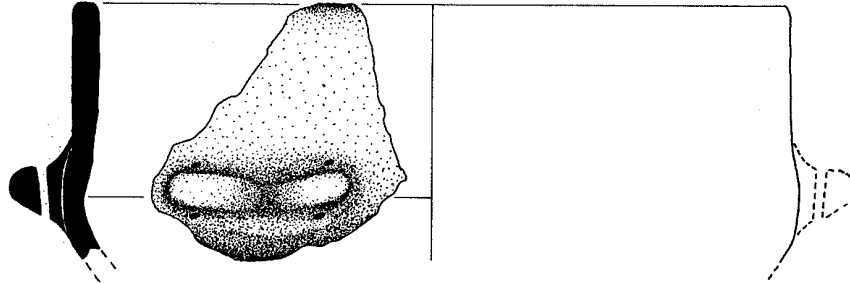
centro de estudos do património





**casadesarmento**

centro de estudos do património



4 CM

SMM 97 Sect. C

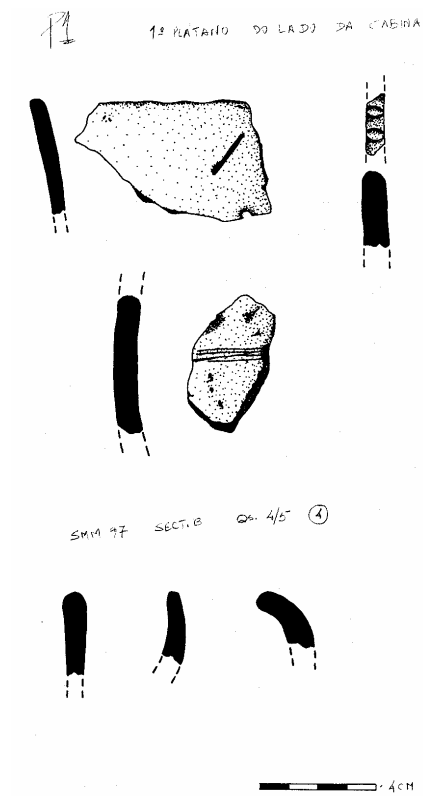
q. 8, 4, 5, 6

477.51



0 10 10 cm

Estampa III – Muro elíptico associado a cerâmicas do Bronze Final

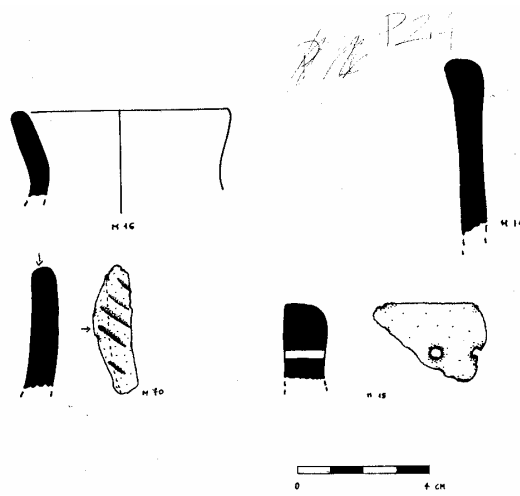


Desenho II – Materiais do Bronze Final e potes da 2ª Idade do Ferro



**casadesarmento**

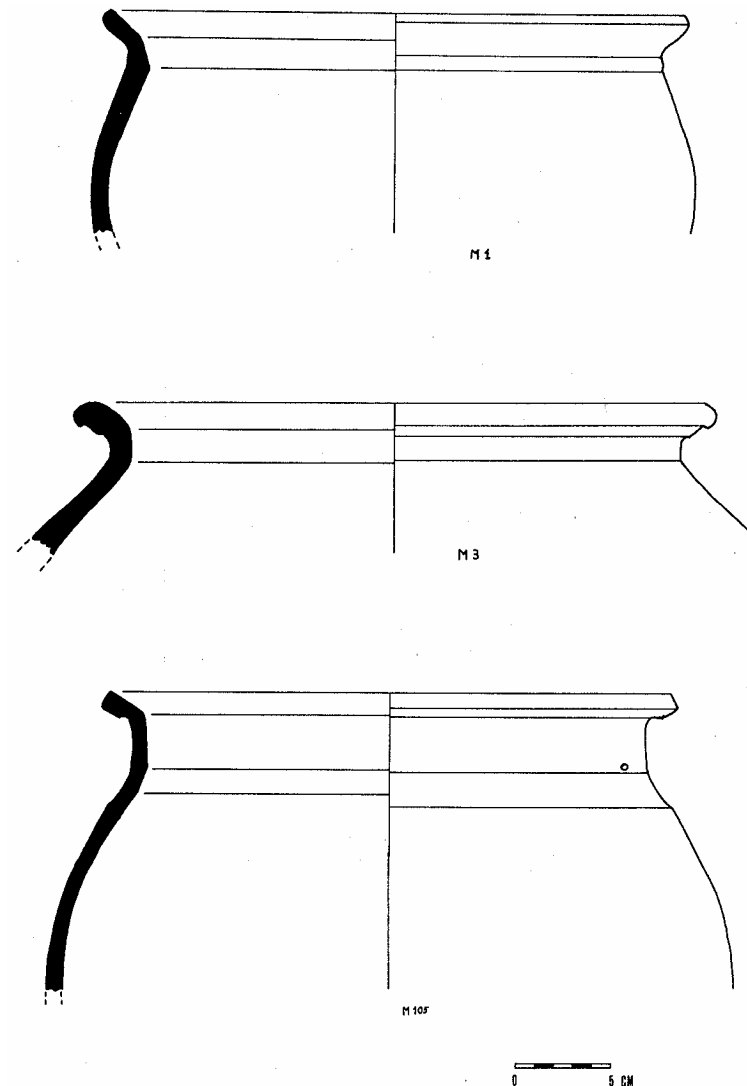
centro de estudos do património





**casadesarmento**

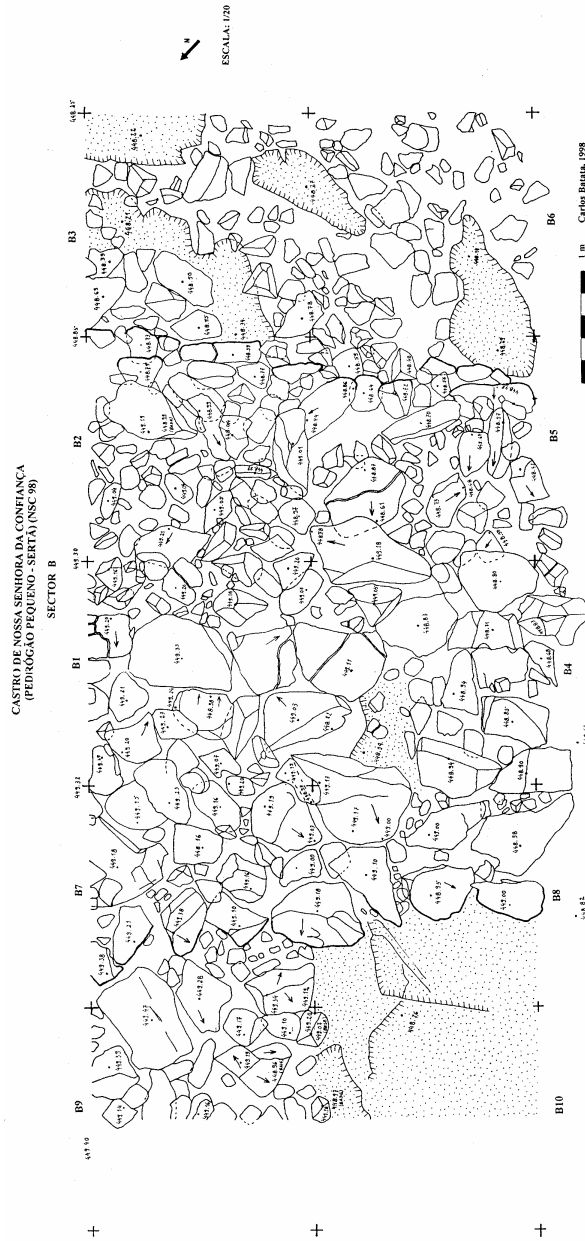
centro de estudos do património





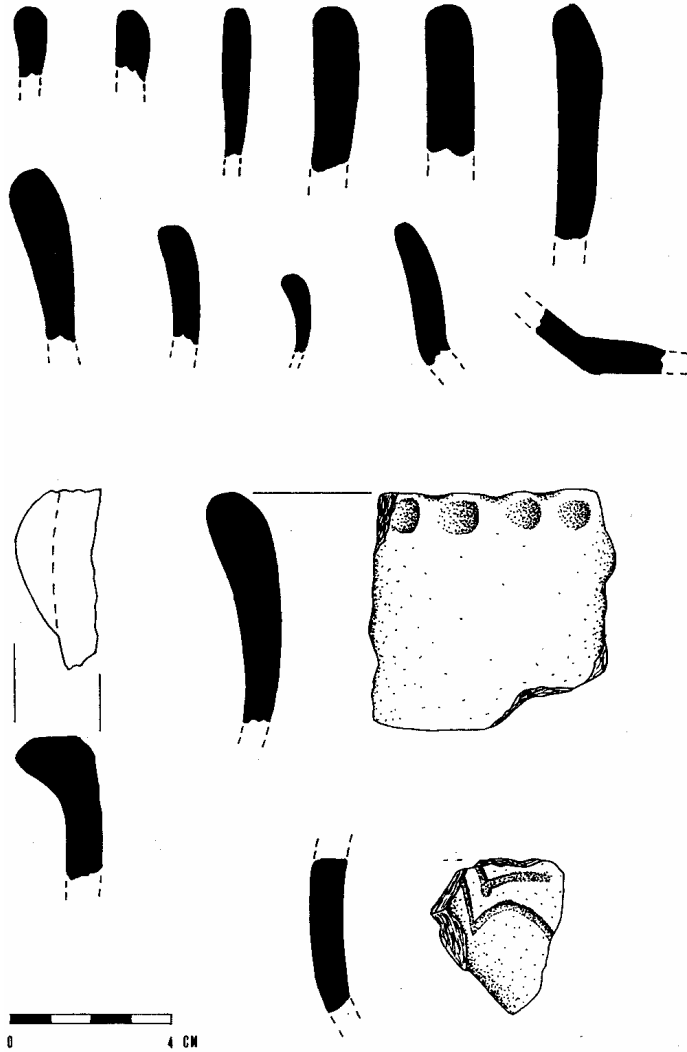
**casadesarmento**

centro de estudos do património



Estampa IV – Grande muralha defensiva do povoado, com cerca de 5m de largura





Desenho III – Materiais do Bronze Final, recolhidos à superfície e sobre a muralha

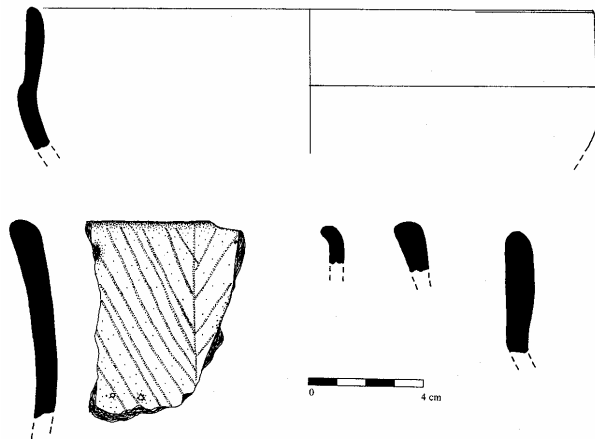


**casadesarmento**

centro de estudos do património

CASTRO DE NOSSA SENHORA D CONFIANÇA  
(NSC 98)

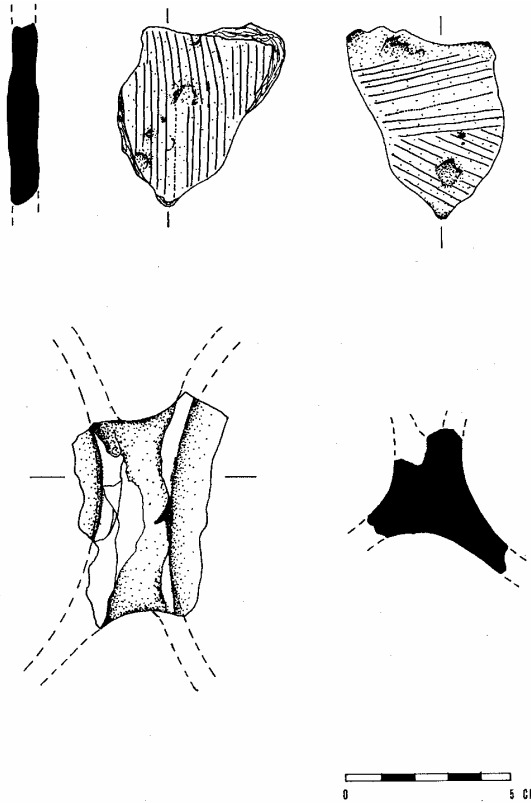
SECTOR B  
B7 (1)





**casadesarmento**

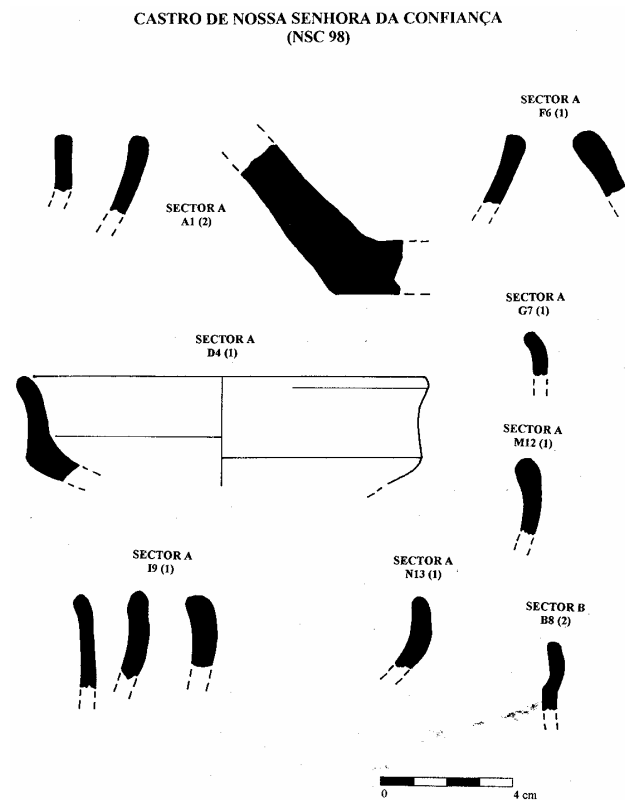
centro de estudos do património





**casadesarmento**

centro de estudos do património



## Bibliografia

- BATATA, Carlos e GASPAR, Filomena, (1993-10-22), **O Castro de S. Pedro do Castro (XV)**, in Os Romanos, a Arqueologia e a região de Tomar - Subsídios para a sua compreensão, jornal "Cidade de Tomar", p. 21;
- BATATA, Carlos e GASPAR, Filomena, (1994), **Levantamento Arqueológico do concelho de Pampilhosa da Serra**, Coimbra;
- BATATA, Carlos e GASPAR, Filomena, (1995), **O castro do Cabeço do Castelo (Seada)**, Boletim Informativo da Câmara Municipal de Vila de Rei, Vila de Rei, 03/1995, pp. 22-24;
- BATATA, Carlos e GASPAR, Filomena, (1995<sup>a</sup>), **Sondagens Arqueológicas no Cerro do Castelo (Seada)**, Boletim Informativo da Câmara Municipal de Vila de Rei, Vila de Rei, 11/1995, pp. 20-21;
- BATATA, Carlos e GASPAR, Filomena e ARSÉNIO, Paulo, (1995b), **O castro lusitano de Santa Maria Madalena**, jornal "A Comarca da Sertã", 7/1/95;
- BATATA, Carlos, GASPAR, Filomena e BATISTA, Álvaro, (1996), **O Ineditismo do 1º milénio da bacia hidrográfica do rio Zêzere no contexto da Arqueologia Proto-Histórica Nacional**, Actas do II Congresso de Arqueologia Peninsular, Zamora (no prelo);
- BATATA, Carlos, (1997), **As Origens de Tomar - Carta Arqueológica do Concelho**, ed. Centro de Estudos e Protecção do Património da Região de Tomar (CEPPRT), Tomar;
- BATATA, Carlos, (1998), **Carta Arqueológica do Concelho de Sertã**, ed. Câmara Municipal de Sertã e União Europeia, Sertã;
- BATATA, Carlos, COIMBRA, Fernando e GASPAR, Filomena, (1998), **Gravuras Rupestres Inéditas do Pinhal Interior (Médio-Zêzere - Portugal), Notícia Preliminar**, Actas do Congresso IRAC 98, Vila Real;
- PEREIRA, Maria Amélia Horta, (1970), **Monumentos Históricos do concelho de Mação**, ed. Câmara Municipal de Mação, Mação;



**casadesarmento**  
centro de estudos do património

SILVA, Joaquim Candeias e BATISTA, Álvaro, (1992), ***Romanização da margem esquerda do Zêzere***, Actas do Seminário “O Espaço Rural na Lusitânia, Tomar e o seu Território”, Tomar;

VILAÇA, Raquel, (1995), ***Aspectos do Povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos Finais da Idade do Bronze***, Trabalhos de Arqueologia, 9, IPPAR, Lisboa.